

FORMAÇÕES NEOLÓGICAS E DISCURSO

Maria Marta FURLANETTO¹

RESUMO: Este estudo é parte de uma pesquisa integrada em projeto de caráter institucional, do Mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL. Seu objetivo é a investigação, em ótica discursiva, de casos de *deriva* (deslocamentos) no uso escrito culto do português brasileiro (1990-...), suas implicações normativas e conseqüências para a pedagogia da língua materna. Tenho como referência principal os aparatos de *gramatização* predominantes (gramáticas vigentes, dicionários, manuais), que correspondem a um presumido padrão lingüístico estabelecido no processo político-cultural de formação do português brasileiro. Nas formações neológicas que me ocupam aqui, o foco do estudo é o reconhecimento da emergência de certas palavras e expressões, cuja identidade temporária pode ser apontada com base em possibilidades histórico-discursivas, produzindo certos efeitos. Assim, levando em conta as condições sociais de produção e interpretação do discurso, apresento um modo de compreensão do surgimento de uma variedade de neologismos em relação às práticas e suas representações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; língua portuguesa; neologismos; deriva.

Introdução

Os estudos contemporâneos da língua portuguesa evidenciam o interesse dos pesquisadores pela formação e ampliação lexical na língua portuguesa em sua relação com a vida social e cultural, sem o vezo do julgamento de valor em sua utilização (“vício de linguagem”/“boa linguagem”). Mostram, principalmente, a vitalidade e o modo de funcionamento da língua em seu dinamismo (V. MOURA, 1992; GUIMARÃES, 1989; DASCAL, 2006).

Em meu estudo, o objetivo é o reconhecimento da emergência de palavras e expressões cuja identidade temporária pode ser apontada com base em possibilidades histórico-discursivas, produzindo certos efeitos de sentido. Uso como referência

¹ UNISUL – Campus Tubarão. Unidade Acadêmica Educação, Expressão e Comunicação. Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon. 88.704-900 - Tubarão, SC – Brasil. E-mail: mmarta@intercorp.com.br.

principal os aparatos de *gramatização*² predominantes (gramáticas, dicionários, manuais), que correspondem ao que se admite ser o padrão lingüístico estabelecido no processo cultural e político de formação e evolução do português brasileiro. No caso de neologismos, discursivamente é importante, como explicitam Branca-Rosoff e Guilhaumou (2002, p. 10-11, tradução minha),

[...] mostrar que o aparecimento de um neologismo numa língua é um processo complexo em que podem intervir, ao mesmo tempo, a dinâmica das relações polissêmicas, a existência de palavras da mesma família já carregadas de valores próximos, mas também os discursos em que se constroem e se renovam o sentido das palavras e um imaginário da língua favorável à neologia.

A ótica de investigação é a da Análise do Discurso que tem Pêcheux como mentor. No conjunto da pesquisa, pretendo apresentar uma síntese do fenômeno discursivo remetendo a considerações sobre a *hiperlíngua* em questão, ou *brasileiro* (v. AUROUX, 1994).³ Contudo, inicio a exploração da rede de produção discursiva por um autor cuja produção é sempre relevante quando se trata de inovação e mudança: Eugenio Coseriu.

Historicidade e mudança

Em *Sincronia, diacronia e história*, de 1958 (COSERIU, 1979), o autor salienta que uma língua não poderia constituir-se se a mudança, que é um fato incontornável, fosse “total e perpétua”, e se um estado fosse nada mais que um momento efêmero de uma transição incessante. Do ponto de vista da língua *atual*, um estado de língua “é

² No sentido utilizado por Auroux (1992, p. 8): processo iniciado no Renascimento europeu “que conduz a produzir dicionários e gramáticas de todas as línguas do mundo [...] na base da tradição greco-latina.” A gramatização é tratada como revolução tecnológica, servindo como meio de conhecimento e dominação de culturas.

³ “A língua empírica não tem existência autônoma [...]. Mas só existem, em determinadas frações de espaço-tempo, sujeitos, dotados de determinadas capacidades lingüísticas ou ainda dotados de “gramáticas” (não necessariamente idênticas), envoltos por um mundo e por artefatos técnicos, entre os quais figuram (às vezes) gramáticas e dicionários. [...] Denominaremos “hiperlíngua” a este espaço-tempo assim estruturado.” (AUROUX, 1994, p. 243; v. também Auroux 1998).

crystalização de uma nova tradição” – ou seja, não-mudança. “[...] fator de descontinuidade em relação ao passado, a “mudança” é, ao mesmo tempo, fator de continuidade em relação ao futuro” (p. 28).

Para Coseriu, o processo fundamental de mudança exige que não se encare a língua como algo abstrato, como *ergon*, visto que “[...] a língua não funciona *porque* é sistema, mas, ao contrário, é sistema *para* cumprir uma função, para corresponder a uma finalidade” (1979, p. 31). Se ela muda, é “*para continuar funcionando* como tal”: é *enérgeia*. Dada a perspectiva de inacabamento da língua, Coseriu estabelece que o ponto de partida para explicar o mecanismo da mudança é o uso lingüístico – norma das outras manifestações de linguagem. Em outras palavras e em outro quadro teórico, trata-se da idéia de *estrutura e acontecimento*, tal como explanada por Pêcheux (cf. 1997).

Coseriu diz que a adoção e adaptação dos elementos da língua a exigências pessoais e ocasionais configura já uma espécie de “mudança” (a repetição implica alteração). As razões da mudança, portanto, devem ser buscadas “na própria função da língua e no seu modo concreto de existir” (1979, p. 42). Salvaguardada a distância teórica, isso encontra o espaço da língua tal como a concebe Bakhtin (1979), e o espaço em que a Análise do Discurso reflete sobre a discursividade.

Coseriu faz distinção entre *inovação, adoção e mudança*. Há *inovação* quando o que é enunciado – como *modo lingüístico* – se afasta dos modelos existentes numa língua. A *adoção* ocorre quando há aceitação de uma inovação, por parte do interlocutor, como modelo para ulteriores expressões (1979, p. 71). Apontar e explicar uma inovação não significa explicar uma mudança; só há mudança *na língua* com a difusão ou generalização de uma inovação. Pela *adoção*, portanto, ocorre a transformação de uma experiência em “saber lingüístico”: “[...] pertence ao aprendizado da língua, ao seu ‘refazimento’ por meio da atividade lingüística” (1979, p. 72). A

adoção tem sempre determinações culturais, estéticas ou funcionais – acrescenta Coseriu. Dir-se-ia hoje, ainda, determinações ideológicas e discursivas.

Coseriu afirma também que a adoção não é um ato mecânico, havendo aí inteligência e seleção. Ele traduz isso, em sua teoria, como “liberdade lingüística” (1979, p. 95). Assim, uma inovação pode ser francamente aceita ou rejeitada (por alguns membros da comunidade, pelo menos), neste caso se parecer não-funcional ou incorreta, e eventualmente menos elegante que uma forma/sentido já existente. Observei que *jubilamento* se tornou corrente no meio universitário (pelo menos em algumas áreas ou regiões), em detrimento de *jubilção*, registrada em dicionário. Ocorreu o mesmo com *refacção*, ao lado de *refazimento*.⁴ Percebe-se como “incorreto”, para Coseriu, “tudo aquilo que, sendo alheio ao sistema ou contrário à norma, não tem justificação funcional” (p. 77, nota 38).⁵

Ele diz ainda que estudar as mudanças não significa estudar meramente desvios, mas justamente observar e explorar o próprio “fazimento das línguas” (p. 93-94). Interessa, portanto, explicar “[...] por que as mudanças ocorrem tal como ocorrem” (p. 100): em que condições elas acontecem? (inovação/adoção/inserção na tradição lingüística) e justificar as mudanças, sem esquecer que as condições/determinações socioculturais apenas contribuem para acelerá-las – ou, inversamente, para bloqueá-las. Esse condicionamento nas mudanças implica, aliás, a questão da relativa estabilidade dos sistemas lingüísticos. Nisso ele faz lembrar a noção de *hiperlíngua* em Aurox (pela existência, em seu espaço-tempo, de mecanismos de regulação da mobilidade da língua – gramatização).

⁴ A forma “refacção” é recorrente no contexto dos trabalhos científicos que apontam a reescrita de textos como metodologia de ensino de língua.

⁵ Devo ressaltar que, nessa visão panorâmica sobre inovação e adoção, Coseriu se restringe em certo ponto a adoções de caráter fônico – tratando de tópicos relacionados à fala. Teoricamente estou estendendo suas considerações aos fenômenos lingüísticos em geral.

Em síntese, as condições a estabelecer para estudar mudanças são *culturais* e *funcionais*. As mudanças se manifestam, do ponto de vista cultural, nas formas “esporádicas”, nos “erros correntes” em relação à norma e nos modos “heterossistemáticos” que se pode comprovar no falar; do ponto de vista funcional, pela presença, no mesmo modo de falar, de variantes facultativas e modos isofuncionais. Aliás, o que nas gramáticas correntes aparece “outra possibilidade” ou “exceção” já reflete o diacrônico no sincrônico, constituindo “ponto crítico” na língua atual (COSERIU, 1979, p. 108).

De fato, os instrumentos lingüísticos (como projeção metalingüística da língua) mostram que as inovações começam ali onde as condições de “equivoco” são mais propícias. Uma vez que minha referência são os instrumentos gramaticais, o que observo mais especificamente, seguindo Coseriu, são as *condições de mudança*.

As “contradições internas” do sistema realizado representam um conflito permanente entre a *formulação* (o sintagmático) e a *matriz parafrástica* (o paradigmático) do discurso. Isso, no conjunto dos dados de que disponho para o estudo da deriva, diz respeito mais especificamente aos casos em que se acumulam “morfemas isofuncionais”. Na prática em questão (na escrita, mas não com exclusividade), isso significa, por exemplo, que preposições estão convivendo com prefixos correspondentes em muitas seqüências; tal é o caso de *entre* e *inter-* (*interação entre, interdependência entre...*). O que é peculiar aqui é que nessa fase do português brasileiro dito culto esse tipo de acumulação é a *regularidade* que se observa, e não é possível prever quando tais *redundâncias*, por “inúteis”, conforme o julgamento de alguns, deixarão de ocorrer, sobretudo porque em muitos casos elas se justificam por efeitos variados de sentido a produzir.

A par de todos esses efeitos, que indiciam o estilo de uma comunidade de linguagem, também se observa que , “[...] numa língua, o que por um lado se “constrói” por outro se “desmorona” e necessita de novos ‘reparos’.” (1979, p. 118). Temos, então, ao lado das redundâncias, os casos em que uma única forma amalgama funções variadas: é o que está ocorrendo com *onde* (Cf. FURLANETTO, 2003).

Estabelecendo que as criações *ex nihilo* são extremamente raras, Coseriu sugere uma tipologia básica de inovações (cf. 1979, p. 71-72):

- a) Alteração de um modelo tradicional;
- b) Seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua (alternativas);
- c) Criação sistemática (seria invenção, mas seguindo as possibilidades do sistema);
- d) Empréstimo de outra língua (total ou parcial, podendo também implicar alteração);
- e) Economia funcional (negligência de distinções supérfluas no discurso).

Uma das condições gerais da mudança lingüística seria a não-coincidência cultural e funcional entre *sistema* e *norma* (1979, p. 120). Conhecer a norma numa comunidade significa “[...] estar inteirado não apenas do *possível*, do que se *pode* dizer numa língua sem afetar a sua funcionalidade, mas também do que efetivamente *se diz* e *se disse*, ou seja, de uma realização tradicional” – que põe em função, dessa forma, a memória dos discursos. O sistema é aprendido antes de se conhecer a(s) norma(s): assim é que a criança conhece o sistema de possibilidades de sua língua, enunciando muitas vezes em contraste com a norma (daí as analogias: *fazi, trazi*) (p. 120).

Saussure (2002, p. 160) também remete ao aprendizado da língua pela criança quando explica esse “fenômeno de transformação inteligente”, afirmando que na fala dos pequenos se manifesta “o princípio que não cessa de estar em função na história das línguas” (2002, p. 160, tradução minha) – ou seja, a analogia. Para Coseriu, essa forma de criação pode difundir-se facilmente “em épocas de debilidade da tradição” (ou talvez

de resistência), e então é possível observar o predomínio do sistema sobre a norma, ou seja, ‘do que é *funcionalmente possível* sobre o que é *tradicionalmente realizado*’ (1979, p. 121, grifos do autor).

Atualizando essa explicação no contexto da Análise do Discurso, remeto ao que estabelece Pêcheux sobre *estrutura e acontecimento* no discurso (cf. PÊCHEUX, 1997), que implica a noção de *memória discursiva*. Ele põe como princípio, para descrever e interpretar, a idéia de inconsistência: qualquer enunciado tem seus pontos de deriva. A discursividade deve ser explorada como *estrutura* e como *acontecimento*; o que se materializa lingüisticamente sempre tem a possibilidade de desestruturar e reestruturar as redes de filiação existentes. O que é enunciado também é um *locus* de inovação e de regularização. O estabilizado (estruturado), aqui, corresponde à norma; o passível de realização corresponde às possibilidades do sistema, aberto para a inovação – mas também limite funcional para ela.

Então, os casos de formação lexical que descrevo e analiso aqui mostram, alguns deles, ruptura e regularização com relação à memória discursiva, ou seja, da norma como tradição lingüística de uma comunidade; outros casos correspondem a uma criação sistemática com aproveitamento dos recursos que a língua fornece; outros ainda manifestam empréstimos de palavras de outra língua, de modo total ou parcial, com alteração ou não. Retomando o conceito de *gramatização* em Auroux (cf. nota 2), pode-se dizer: “Ela permite notadamente uma maior estabilidade lingüística,...” (AUROUX, 1998, p. 21) porque seus instrumentos figuram na *hiperlíngua*, e esta, diz Auroux, é uma “realidade que engloba e situa toda realização lingüística e limita concretamente toda inovação” (1998, p. 22). A tradição, que Coseriu associa à norma, é parte constitutiva da hiperlíngua.

Ocorre, porém, que o acervo lexical é o setor mais instável das línguas, e as comunidades discursivas são muito variáveis em suas preferências, mesmo aquelas mais exigentes em termos de padronização de linguagem. Daí a grande quantidade de neologismos computáveis para uma mesma comunidade num período de tempo relativamente curto, ainda que alguns tenham curta duração e outros nunca tenham merecido a atenção dos lexicógrafos.

O corpus

Proponho, heurísticamente, uma tipologia que poderia corresponder a grandes áreas temáticas, representando certas preferências ou tendências de setores das formações sociais. Distingui desse conjunto os neologismos por efeito de tradução/empréstimo e nomeei alguns casos como *outros*.

1. *Áreas temáticas*

- A) política
- B) medicina e vida natural
- C) jornalismo e publicidade
- D) vida social e vida privada
- E) arte/literatura
- F) vida acadêmica
- G) gastronomia

2. *Neologismos por efeito de tradução*

3. *Outros*

Apresento em apêndice a lista dos neologismos registrados até este momento (1990-2008), visto que, no espaço deste artigo, terei de restringir-me a alguns exemplos (indicando para cada item, suplementarmente, o processo de formação).

1. Áreas temáticas

A) Política ⁶

- 1) **Apitaco.** [*derivação*] “Deputados fazem apitaco [movimento de revolta usando apito; manifestação ruidosa] no plenário da Assembléia baiana contra a manobra que excluiu a oposição da mesa diretora.” (ISTOÉ 1635, 21/2/2001, p. 34). ⁷ Esta forma de criação de palavras (sufixo *-aço* para aumentativo e indicação de golpe ou pancada) se filia a *buzinaço*, *bandejaço*, em que Sandmann (1991) encontra para *-aço* o sentido de “manifestação ruidosa”. A utilização de tal tática remete a baderna onde se esperaria que houvesse decoro, atitudes sensatas.
- 2) **Secão.** [*derivação*] Criado por analogia com apagão, datado de 1988 (*apagão* consta no dicionário Houaiss, edição de 2001: é como se chama agora o blecaute, período sem energia elétrica). “Se o apagão transtornou a vida dos brasileiros, imagine o que aconteceria com o secão?”. Num caso e no outro, a perspectiva é trágica, associada ao sufixo aumentativo. O efeito ideológico de sentido está associado, de alguma forma, a atitudes de desleixo ou lentidão na intervenção do Estado. (ISTOÉ n. 1688, 6/2/2002, p. 7: *A ameaça do secão*).
- 3) **Megainsanidade.** [*derivação*]. Referência aos atos terroristas de 11/9/2001 contra os EUA. Interessante aqui é que *súper* tem aparecido com tendência a se autonomizar, enquanto *mega-* normalmente aparece como prefixo. O Houaiss salienta o emprego moderno de *mega-* com valor hiperbolizante, que é o que encontramos aqui: *megadesvalorização*, *megaempresário*, *megaempreendimento*, *megaespeculador*, *megaevento*, *megainvestimento*. ⁸ (ISTOÉ n. 1668, 19/9/2001).
- 4) **Propinoduto.** [*composição*] No esquema da corrupção política, um duto pelo qual escoo dinheiro desviado com propinas. Na mesma edição encontra-se *cleptocracia* (1988): PC – Paulo César Farias – é o símbolo de um modo de se fazer política mais ou menos generalizado no País, ou seja, de passar a mão em dinheiro alheio. (ISTOÉ 1240, 7/7/93)

⁶ Essas ocorrências aparecem comumente na imprensa, por referência ao mundo político (notícias, reportagens, notas). Algumas delas mereceram a atenção de Trein (2006), que focalizou neologismos utilizados para definir a corrupção no Governo Lula.

⁷ Há erro da revista na datação dessa página, que saiu como 31/1/2001.

⁸ Mas *mega-* também tem uma acepção objetiva: equivale ao multiplicador 10⁶, seja, *um milhão* (de vezes a unidade indicada, p.ex., *megagrama* = *um milhão de gramas*).

- 5) **Pilantropismo.** [*derivação*] Associado negativamente a **filantropismo**, o termo reflete a denúncia de atos que, numa formação discursiva (discurso do governo), são encarados como filantropia, ao passo que, na oposição, corresponde a atos de pilantras (pilantragem, dissimulação de filantropia). Um exemplo: “Luciana [Genro, deputada federal] afirmou que a compra de vagas nas universidades públicas (Prouni)⁹ é a legalização da “pilantropia”.” Isso corresponderia, em tal interpretação, a aumentar o repasse de recursos à rede privada de ensino. (Boletim APUFSC n. 499, setembro de 2004, p. 3)
- 6) **Sem-diploma.** [*composição*] Depois dos sem-teto e dos sem-terra, agora temos os sem-diploma. “Avaliando questão por questão e conferindo respostas falsas e verdadeiras, o sem-diploma Luiz Inácio Lula da Silva acha que o ministro da Educação, Cristovam Buarque, não está com boa nota no provão do Ministério”. (ISTOÉ n. 1772, de 17/9/2003, p. 31, *Piadinha no Palácio*)
- 7) **Mensalão.** [*derivação*] Começou a circular em 2005, em ambiente político, constituindo-se em escândalo de corrupção do Congresso Brasileiro. Corresponde à “mesada” de R\$ 30 mil com que a cúpula do PT molharia a mão de parlamentares amigos, para que votassem a favor de projetos do governo. Roberto Jefferson é o deputado responsável pela denúncia do pagamento do mensalão pela Cúpula do governo, embora ele mesmo fosse acusado de comandar um esquema de corrupção nos Correios. (ISTOÉ n. 1862, 22/6/2005)
- 8) **Mensalinho** [*derivação*] Escândalo subsequente ao provocado pelo mensalão, e politicamente associado a ele; propina recebida pelo parlamentar Severino Cavalcanti do dono de um restaurante de Brasília. 2005.

B) Medicina e vida natural

- 1) **Vegan, veganismo.** [*base criada com redução – veg- – e derivação com -ismo*] Vegetariano radical/vegetarianismo radical, ou seja, abominação de todo e qualquer produto ou alimento que tenha origem animal ou use animais em testes durante o processo de fabricação. O termo foi criado na Grã-Bretanha e serve para designar

⁹ Prouni – Programa Universidade para Todos, criado por MP em setembro de 2004.

todas as pessoas que adotam como lema o slogan "100% livre de crueldade". (ISTOÉ n. 1536, 10/3/99, p. 40-42). Implica, portanto, atitude de resistência.

- 2) **Psicogélicos**. [*amálgama*] Termo cunhado (ao que parece) por Arnaldo Bloch para identificar um grupo de políticos evangélicos que, como médicos, tentam defender um projeto de regulamentação da formação em psicanálise, que hoje tem independência nas associações psicanalíticas. O projeto é atacado pelos membros das associações reconhecidas, que assim os denominam, dado o confronto ideológico. (2001, provavelmente jornal *O Globo*)
- 3) **Sexólico(a)**. [*derivação*]. Viciado(a) em sexo. A formação tem associação com *alcoólatra*, pelo que se supõe que o sufixo mais apropriado seria *-latra* (culto, adoração). (ISTOÉ n. 1207, 18/11/92, reportagem **Exsexo** (leia-se “excesso”))
- 4) **Sonilóquio**. [*composição*] Significa “conversar durante o sono”; é um distúrbio, mas aparentemente não causa problema para a pessoa que o apresenta. É mais freqüente na criança, segundo explica Márcia Pradella-Hallinan, professora da UFSP. (ISTOÉ n. 1824, 22/9/2004)
- 5) **Álcoolorexia** [*composição*]. Termo criado por Sonia Melier (colunista do noticiário do MSN Bolsa de Mulher, 2008), a partir do inglês *drunkorexia*, segundo ela uma novidade também no léxico norte-americano. Pertence à família de anorexia, ausência de apetite, e de orexia, apetite compulsivo (desordens alimentares). O termo, segundo ela, “descreve as pessoas, normalmente mulheres jovens, que compensam a falta de comida por todo um dia com o álcool.” Essas doenças teriam origem em comportamentos tolerados ou mesmo reforçados pela sociedade.

C) Jornalismo e publicidade

- 1) **Classicicados** [*amálgama*] (Jornal O Globo, 1998)
- 2) **Internetc.** (internet etc.) [*amálgama*] (Jornal O Globo, 1998)
- 3) **Profissionauta**. [*amálgama*] O *profissionauta*. Título de obra de Simon Franco, Rádio Bandeirantes/colunista da revista Exame. Referência a mercado de trabalho. (registro em 25/2/2003)

D) Vida social e vida privada

- 1) **Homencição.** [*amálgama*] Criado pela escritora Faith Popcorn: mudança de atitude masculina que liberou a vaidade. (ISTOÉ 1529, 20/1/99, p. 36)
- 2) **Pitboy.** [*amálgama*] Rótulo que estão recebendo, no Rio, rapazes da sociedade que fazem agressão gratuita em escolas, clubes e outros lugares públicos. Associação com *pitbull* (cão agressivo). (ISTOÉ n. 1799, 31/3/2004)
- 3) **Kidult.** [*amálgama*] Refere-se a adultos que mantêm algumas preferências da infância ou juventude, ou as somam ao seu universo atual (prolonga-se simbolicamente a juventude). O consumo de brinquedos e de roupas com ares infantis traduzem a manifestação de fuga dos estereótipos como a definição das fases da vida. (ISTOÉ maio 2004, seção comportamento)
- 4) **Permacultor / permacultura.** [*composição*]. Os permacultores são uma *tribo* e fazem parte de um movimento que emergiu dos anseios do pesquisador e naturalista australiano Bill Mollison, cujo projeto de sociedade exige cuidado com o planeta, respeito absoluto pelas pessoas e pelas demais espécies e a partilha dos excedentes de produção. Nas *tribos* (remetendo a uma visão nostálgica de sociedade mais natural) as pessoas bebem água da chuva, vivem em casas de tijolo orgânico e comem alimento natural. *Perman-* como *man(s)-* diz respeito a morada, lugar de permanência, persistência. Trata-se, pois, de cuidar do planeta para mantê-lo como morada. (ISTOÉ n. 1952, 28/3/2007, p. 66-67)
- 5) **Planasub.** [*amálgama*] Mergulho com prancha. É equipamento de um esporte novo, prática feita com *snorkel* (tubo) no rosto e o planasub, criação do engenheiro pernambucano Leonardo Veras: uma tábua de acrílico com fendas para as mãos que permitem a execução de manobras abaixo da linha d'água. O mergulhador é puxado por um barco. As pessoas são amarradas a cordas e se atiram ao mar com o *snorkel* e o planasub. (ISTOÉ n. 1952, 28/3/2007)

E) Arte/literatura

- 1) **Contação (de histórias).** [*derivação*] “Ousadamente, pode-se chamar de uma nova e divertida versão de sarau literário. Claro que não com este pomposo nome. São apenas encontros de ‘contaçoão’ de história (o termo, que não existe no dicionário, foi adotado pelos donos de livrarias em seus programas de atividades)”. (ISTOÉ 1663, 15/8/2001, p. 62, reportagem “De bem com as letras”)

- 2) **Cantrizes.** [*derivação*] Três das antigas seis Frenéticas ressuscitam o grupo com três novas “cantrizes” – termo usado por elas. (ISTOÉ n. 1688, 6/2/2002, p. 84)
- 3) **Sambópera.** [*composição*] Referência à montagem de La Traviata (Verdi), com música reinterpretada como samba, chorinho e (até) tango. A sambópera teria sido criada por Augusto Boal em 1999, com Carmen, de Bizet. (ISTOÉ 1688, 6/2/2002, p. 88)
- 4) **Pop-ópera.** [*composição*] Referência ao estilo de canto do artista americano Rufus Wainwright, que combina referências eruditas e populares – especialmente música de cabaré. (ISTOÉ n. 2009, 7/5/2008)

F) Vida acadêmica

- 1) **Adultocentrismo.** [*composição*] Seleção e organização pedagógica elaborada a partir das perspectivas do adulto que detém o saber.
- 2) **Didatização.** [*derivação*] Ordenação metodológica fragmentada em unidades (ou doses) supostamente assimiláveis, sistematizada pela direção de um único percurso cognitivo e controlada por etapas previamente estabelecidas. *Adultocentrismo* e *didatização* seriam aspectos complementares de uma ótica de ensino que marginaliza a perspectiva do aprendiz (interesses, concepções, estratégias, conhecimentos prévios e recursos cognitivos), segundo abordagem contemporânea de educação. (TA, 2001) ¹⁰
- 3) **Brincante.** [*deriva semântica*] “... o homem (esse animal brincante)...” (CVL, 03/2002). Tornou-se freqüente, na área de educação, o termo *aprendente*, substituindo ou convivendo com *aprendiz*. O Aurélio Século XXI registra *brincante* como brasileirismo folclórico: participante de folguedo popular. O Houaiss (2001) igualmente. Neologismo semântico.
- 4) **Infobetização.** [*amálgama*] Está sendo utilizado como sinônimo de “letramento eletrônico”. (Dissertação de mestrado, 2003).

¹⁰ TA = trabalho acadêmico.

- 5) **Turismólogo.** [*derivação*] Um projeto de lei que precisa de aprovação pelo Congresso (para oficialização) institui e regulamenta a profissão de turismólogo. Destina-se a quem se forma em hotelaria ou turismo. (ISTOÉ n. 1846, 2/3/2005)

G) Gastronomia

- 1) **Desfile de massas.** [*sintagma complexo*] Expressão encontrada em um restaurante com pretensão a chique; substitui “rodízio de massas”. Informação obtida em 2002.
- 2) **Tubalhau.** [*amálgama*] Refere-se à possibilidade de se fazer bolinhos (como se faz com bacalhau) com o excesso de tubarões na região de Fernando de Noronha. A associação com bacalhau diz respeito à excelência dos bolinhos.

2. Neologismos por efeito de tradução

- 1) **Empoderamento.** [*derivação*] Ganho de poder. Traduz, certamente, *empowerment*. Forma alternativa (isofuncional): *poderização*. “Em verdade, o empoderamento dos consumidores se encontra em construção, como tudo, aliás, na Economia Solidária (ES).” (artigo opinião boletim ass. docente, 2003)
- 2) **Usabilidade.** Traduz ing. *usability*. “A questão da usabilidade dos “subjects” de e-mails já vem, inclusive, sendo discutida em artigos como The Usability of Email Subject Lines, by John S. Rhodes, ...” (e-mail em CVL, 2001)
- 3) **Decalagem.** Traduz fr. *décalage*. “... a relação que se estabelece entre o sujeito da linguagem e o ‘mundo’ é simbólica – há uma decalagem [defasagem, distanciamento] – não havendo a possibilidade de entendermos os sentidos...” (TA, 1998). Decalagem, no dicionário Aurélio Século XXI, é, em eletrônica, “deslocamento da frequência da portadora de vídeo em relação à sua frequência nominal”. O Houaiss também assinala como decalagem a assincronia entre som e imagem no cinema. Tem havido, pois, deriva semântica.

3. Outros

- 1) **Agriqlifos.** [*derivação*] Termo que traduz *crop circles* do inglês, correspondente aos grandes círculos formados em plantações na Grã-Bretanha, e que se supõe serem

formados por alienígenas. Referência a um filme sobre o tema, chamado *Sinais*, do diretor indiano Manoj Nellyyattu Shyamalan). (ISTOÉ n. 1720, 18/9/2002, p. 106)

- 2) **Ambulancha.** [*amálgama*]: A rede Samu, para atendimento de emergência do Ministério da Saúde, ganhou um veículo inusitado. Trata-se de uma ambulancha. É uma lancha adaptada para servir como ambulância e atender às populações ribeirinhas do rio Amazonas, no Amapá. (ISTOÉ n. 1939, 20/12/2006).

Comentário analítico e conclusão

As mudanças inevitáveis na vida social se refletem e refratam na linguagem, e é assim que qualquer alteração nos discursos se configura como “sintoma” da dinâmica do mundo social, com valores em confronto. Não só na ultrapassagem teórica (quando se pretende ir além de uma teoria existente, ou mesmo descartá-la) há pressão no sentido de buscar adequação na linguagem, apelando-se, entre outras estratégias, para a criação de neologismos (cf. DASCAL, 2006). O que permite a proliferação em todas as esferas é, em primeiro lugar, a abertura constitutiva dos sistemas lingüísticos (aspecto bem salientado por Coseriu, como se viu).

Contudo, as possibilidades de mobilidade sistemática das línguas só se concretizam, como expressam Branca-Rosoff e Guilhaumou (2002, p. 11), na medida em que haja “um imaginário da língua favorável à neologia”, construído em discursos já constituídos mas sempre passíveis de ultrapassagem. Assim, tudo aquilo que é enunciado também é um *locus* de inovação e de regularização. *Deriva* se confronta sempre com *preservação*, e esse dinamismo reflete o movimento perene das comunidades. Trata-se de olhar o lingüístico como materialidade específica do discurso (como base), que por sua vez é materialidade específica da ideologia (cf. ORLANDI, 2002, p. 31).

Há interesse em observar que o predomínio do sistema sobre a norma, utilizando os termos de Coseriu, aponta também para o jogo de regularização pautado na busca de

preservação da simetria das formas. E isso, paradoxalmente, funciona vinculado mais estreitamente ao sistemático da língua (suas possibilidades) que à pressão do padrão ou daquilo que em certo momento se dá como normal numa comunidade discursiva – e não esqueçamos que estou me referindo aqui ao registro formal escrito. A preservação na inovação funciona no sentido de prover (se não manter) uma matriz de sentido que é a referência para a interpretação e a compreensão do modo como se cruzam desde setores já próximos (*farmacogenética*) como aqueles distanciados nas formações sociais (*neuroteologia, sambópera*), ou, mais simplesmente, como se vão abrindo novas perspectivas a partir de bases que permitem ampla derivação (*assujeitamento, usabilidade*).

De fato: nas grandes áreas temáticas em que dividi o material do *corpus* pode-se observar ao mesmo tempo, nos elementos novos, sua filiação (que permite o reconhecimento) e sua singularidade, que implica ressonâncias através de minúcias que se vão instalando nas esferas sociais e vão sendo criadas/olhadas com jeito diferente (modo de ver, modo de valorar). É notável, por exemplo, o enlaçamento nas grandes áreas da medicina, da biologia e da tecnologia, que criam interfaces (*neuroteologia, nutracêutica, farmacogenética*) produzindo especialidades (singularização), recortando e expandindo o privilégio das áreas matrizes – dando a idéia de um mundo em crescimento, de um privilégio (ilusório?) dos humanos, já por tanto conhecerem, já por tanto serem cuidados em suas debilidades. Politicamente, isso soa como um retorno ao antropocentrismo – ainda que por efeito de manipulação.

No mundo político, a par do poder que sempre representa, atuando comumente como amortecedor de atitudes de corrupção, a proliferação de termos que circulam nesse universo dá o tom aos governos. Segundo Trein (2006), *pilantropia* foi utilizado pela senadora Heloísa Helena, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), para

sintetizar o processo de corrupção no Governo Lula, modulado através de um vasto conjunto de outros neologismos (como os listados em meu *corpus*) usados como contrapropaganda do mesmo governo, formando uma rede semântica de caricaturas para ridicularizar a conduta de parlamentares e, por extensão, condenar publicamente o governo correspondente. Sempre combatida, a corrupção é aparentemente constitutiva da política – e como tal ela se repete (mas não só ali, naquele espaço, mesmo porque a política enlaça o mundo social inteiro, e a linguagem a reflete e refrata).

Note-se, também, que nas instâncias interlocutivas pouco pesa a preocupação racional com o uso de termos instituídos e validados, quando o estado emocional é alterado a partir de certa racionalidade que se espera no mundo da civilidade. Nem mesmo uma criação aparentemente neutra como *aerolula* escapa às ressonâncias ideológicas. Assim, qualquer novo termo reflete, dissimuladamente ou não, os valores em expansão ou em retração nas comunidades discursivas.

No espaço da medicina e da vida natural o tom é outro, ressoando uma aparente neutralidade que reflete o discurso científico em seus desdobramentos e contínuas experiências. Trata-se da criação de interfaces de estudo que devem refletir a seriedade com que até mesmo campos aparentemente incompatíveis se interseccionam (*neuroteologia, preceterapia*), ou ainda de especificações para distúrbios que atingem certos grupos (*álcoolorexia, sonilóquio, sexólico*); em outros casos manifesta-se a preocupação com a ecologia, a nostalgia da vida natural e a resistência a um modo de vida oposto (*veganismo*).

No jornalismo e na publicidade vê-se a ampliação lexical como consequência do avanço das tecnologias da informação, invadindo e mesclando todos os espaços sociais (democratização lingüística).

No campo do comportamento social e privado, manifestam-se atitudes do mundo contemporâneo, nem sempre apreciáveis: a rebeldia e a agressividade (*pitboy*, *tecnorrebelde*), a liberação da vaidade masculina (*homencição*) e a fuga aos estereótipos (*kidult*). Ao lado disso, surgem movimentos de caráter ecológico (*permacultura*) e elementos ligados ao esporte (*bicicletada*, *planasub*).

A arte em geral e a literatura, por sua própria compleição plástica, são espaços de experiências estéticas apreciáveis: contar (histórias) leva naturalmente a *contação*, que impressiona mais que *narração*, e aparentemente aproxima o mundo infantil e o adulto; *cantriz* produz nova ressonância na música, e *sambópera* e *pop-ópera* contam estilos de experiência musical na contemporaneidade, desmanchando fronteiras construídas.

Na vida acadêmica, o ritmo acelerado da pesquisa leva a perspectivas diferenciadas com a criação de interfaces e desdobramentos de áreas (*terminografia*, *lectogenia*, *infobetização*), para as quais se busca identificação com legitimação social. Também se especificam linguagens (*neurologuês*, *internetês*) e criam alternativas derivadas que, aceitas, se tornam naturais no meio (*acordão*, *estatuinte*, *refacção*).

Na gastronomia, as duas construções recolhidas estão marcadas pelo efeito da publicidade que, pela associação feita, remetem a excelência (*desfile de massas*, *tubalhau*).

Os neologismos por efeito de tradução proliferam na área acadêmica e se difundem ao lado de termos que mantêm a grafia estrangeira, buscando talvez uma associação terminológica mais eficaz e a conseqüente manutenção do sentido técnico estrangeiro. Eles ajudam a construir, para seus enunciadores, um *ethos* relativo a saberes cosmopolitas, sua filiação a certas áreas de prestígio.

Finalmente, os *outros* neologismos registrados mostram as possibilidades de adaptação que um sistema lingüístico oferece a um mundo que se cria e se recria por força da construção ininterrupta da subjetividade em seus inter-relacionamentos sócio-históricos. Neologismos manifestam a pulsação da vida social: a repetição sempre sujeita à ruptura, ao deslocamento.

Referências bibliográficas

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. A “hiperlíngua” e a externalidade da referência. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 241-251.

_____. Língua e hiperlíngua. **Línguas e instrumentos lingüísticos**, Campinas (SP), n. 1, p. 17-30, jan./jun. 1998.

BAKHTIN, M. (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BRANCA-ROSOFF, S.; GUILHAUMOU, J. De “société” à “socialisme”: l’invention néologique et son contexte discursif. **Revista da ABRALIN**, v. 1, n. 2, p. 9-50, dez. 2002.

COSERIU, E. [1958] **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança lingüística. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo: EDUSP, 1979.

DASCAL, M. Compreendendo as metáforas: uma exploração dos usos do ‘além’. In: _____. **Interpretação e compreensão**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006. p. 265-293.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio Século XXI**. Rio: Editora Nova Fronteira, 1999.

FURLANETTO, M. M. Os caminhos de *onde* no português do Brasil: instrumentos lingüísticos e deriva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 249-279, jan./jun. 2004.

GUIMARÃES, E. Enunciação e história. In: _____. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 71-79.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio: Editora Objetiva, 2001.

MOURA, H.M.M. **Neologismos e discurso**. Florianópolis, 1992. Artigo não publicado.

ORLANDI, E. P. A Análise do Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento** [?]. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

SANDMANN, A. J. Renovação e inovação no léxico. **Boletim ABRALIN**, Campinas, n. 11, p. 59-67, jun. 1991.

SAUSSURE, F. de. **Écrits de linguistique générale**. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

TREIN, S. R. **A retórica da corrupção**: os neologismos propagandísticos utilizados para denunciar a corrupção no Governo Lula, em 2005. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 25 maio 2008.

APÊNDICE
NEOLOGISMOS

ÁREAS TEMÁTICAS	OCORRÊNCIAS
POLÍTICA	Convívível, apitação, seção, bushismo, numeralha, megainsanidade, descontingenciamento, novos-pobres (neopobres), corruptograma, propinoduto, aerolula, denunciismo, pilantropismo, sem-diploma, mensalão, mensalinho, surubão.
MEDICINA E VIDA NATURAL	Lingüístoterapia/lingüístoterapeuta, vegan/veganismo, nutracêutica, preceterapia, endocepção, pedilúvio, psicogélicos, neuroteologia, anticorpo monoclonal, bioinformática, farmacogenética, terapia celular, terapia gênica, porradaterapia, sexológico(a), sonilóquio, aromacologia, aeroforró, álcoolcorexia.
JORNALISMO E PUBLICIDADE	Classiclicados, internetc., profissionalista.
VIDA SOCIAL E VIDA PRIVADA	Homenciapação, pitboy, tecnorrebeldes, cyberpunk, kidult, chorômetro, emergente, bicicletada, permacultor/permacultura, planasub.
ARTE/LITERATURA	Contação (de histórias), cantrizes, sambópera, pop-ópera
VIDA ACADÊMICA	Subexistir, refacção, terminografia, neurologuês, adultocentrismo, didatização, criacionário, brincante, aprendente, intercruzar, CVLejadores, cyberabraços, palestrista, alter-ajuda, lectogenia, infobetização, acordão, estatuinte, blogueiro, turismólogo.
GASTRONOMIA	Desfile de massas, tubalhau.
NEOLOGISMOS POR EFEITO DE TRADUÇÃO	Empoderamento/poderização, soberanidade, remarcável, massivo, prototypicalidade, aprendibilidade, decalagem, assujeitado/assujeitamento, usabilidade, agradabilidade/desagradabilidade, literacia (letramento).
OUTROS	Agriglifos [crop circles], chorômetro, repactuação, ambulancha.